

# **FORMAR PARA A DIVERSIDADE: A QUESTÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO GERAL DE PSICÓLOGOS E PSICÓLOGAS NA CIDADE DE PELOTAS**

Ana Carolina Paes – anacarolina-paes@hotmail.com  
Psicóloga e graduanda em Ciências Sociais - Licenciatura  
Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Palavras-chave: Formação em Psicologia; Gênero; Sexualidade.

## **RESUMO**

Este trabalho é resultado de uma proposta de projeto pesquisa em que objetiva-se analisar a formação em Psicologia no município de Pelotas no que tange ao gênero e a sexualidade afim de verificar a presença, assim como onde e de que maneira estão inseridos estes debates na formação destes futuros profissionais. Entende-se que a psicologia historicamente se constituiu como campo de práticas e saberes que perpetuaram o caráter patológico das sexualidades ditas desviantes, portanto, acredita-se que é de fundamental importância o trabalho com futuros/as psicólogos/as, no sentido de sensibilizá-los/las quanto ao possível caráter heterossexista da formação, visto que poderão atuar como potenciais perpetuadores/as da discriminação ou profissionais capazes de propor uma escuta atenta aos efeitos do preconceito na constituição dos sujeitos.

## **INTRODUÇÃO**

Para que possamos analisar e melhor compreender as relações entre as discussões feitas nos estudos sobre gênero e sexualidade e a formação em Psicologia, a fim de perceber como as mesmas se articulam na formação destes sujeitos, precisamos primeiramente olhar para o desenvolvimento histórico destas áreas e seus pontos de contato.

A inclusão do debate sobre gênero e sexualidade nos espaços acadêmicos ocorre desde a década de 1970 devido à pressão de grupos feministas e de grupos gays e lésbicos que denunciaram a invisibilidade de suas representações de mundo nos programas curriculares das instituições de ensino. Foi através dos Estudos feministas, e posteriormente, com os Estudos de Gênero que se passou a evidenciar o sexismo,

machismo e as LGBTfobias enquanto problemas presentes nesta sociedade, possibilitando a abordagem destas questões também dentro da universidade.

É mais ou menos no mesmo período do contexto internacional dos movimentos feministas que surgem no Brasil os estudos sob o título de estudos 'da Mulher', porém, segundo Suzana Veleda da Silva (2000), é a partir dos anos 1990 que os estudos de gênero tomam forma no país através de iniciativas entre as áreas humanas e sociais. Sendo bastante sintomática sua ausência, mais particularmente, nos estudos da Educação.

## Gênero e Sexualidade

Destaca-se o conceito de sexualidade no sentido analisado por Foucault (1988), ou seja, enquanto dispositivo da modernidade composto por práticas discursivas e não discursivas que produzem uma noção de indivíduo como sujeito de uma sexualidade, isto é, saberes e poderes que buscam normalizar, controlar e estabelecer “verdades” acerca do sujeito em relação com seu corpo e seus prazeres.

O conceito de gênero é aqui entendido enquanto uma categoria analítica, de caráter relacional, que está em direta relação com os movimentos feministas, e que amplia o conceito de sexualidade e aponta as construções culturais das representações acerca do masculino e do feminino, distanciando-se de concepções biologizantes. Para Guacira Lopes Louro (1997, p. 23), a importância do conceito de gênero se afirma, pois:

[...] obriga aquelas/es que o empregam a levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos de que estão tratando. Afasta-se de (ou se tem a intenção de afastar) proposições essencialistas sobre os gêneros; a ótica está dirigida para um processo, para uma construção, e não para algo que exista a priori. O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem.

Gênero, portanto, refere-se a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a espaços de disputa que envolvem processos de subjetivação e representação, papéis sociais, poder e hierarquias entre aqueles que são socialmente definidos como homens e mulheres e com aquilo que é considerado, ou não, como sendo

de homem ou de mulher, nas diferentes sociedades e períodos históricos.

## A formação em Psicologia

É durante o desenvolvimento de uma ciência psicológica que surgem os primeiros contatos entre Psicologia e Educação. Patto (1984), divide a história da Psicologia no Brasil em três grandes períodos, aquele que nos interessa para esta análise é o terceiro período, a partir de 1960, período da formalização da área como profissão, momento em que o trabalho dos psicólogos e das psicólogas passa a ter um caráter mais adaptacionista – em que a figura destes profissionais com relação à educação era tida como a de solucionadores de problemas, especialmente os de comportamento e aprendizagem.

É improvável que as áreas do conhecimento da Psicologia que estavam em processo neste período tenham sido pensadas para dar conta de questões relacionadas à educação em geral e, muito menos, da educação escolar, porém é certo que muitos de seus criadores envolveram-se direta ou indiretamente com os problemas da educação. Silva (1993) entende que a educação foi marcada por uma concepção de sujeito baseada em proposições herdadas da Psicologia da Aprendizagem e da Psicologia do Desenvolvimento, implicando em um olhar sobre a diversidade enquanto uma escala hierárquica de desenvolvimento, baseadas em descrições normativas e naturalizadas, legitimadas pela Biologia. Fato que, para Silva, resulta em discursos conservadores na educação:

[...] Como se sabe, a Pedagogia e a Educação moderna se desenvolveram, em grande parte, sob a égide da Psicologia. Foi essa que forneceu àqueles que planejaram e desenvolveram os sistemas escolares de massa deste século o instrumento de justificação científica e de gerenciamento do comportamento humano exigido por seus propósitos de regulação e controle (...) uma conexão entre um projeto de contenção e de governo de massas e um projeto psicológico de transformação na produção do “indivíduo”. (Silva, 1993, p. 4)

A tendência predominante da Psicologia ao longo de seu desenvolvimento enquanto ciência, esteve muito próxima do positivismo, propondo um olhar objetivo e adotando metodologias experimentais e próximas do saberes biomédicos. É Portanto, pelo caráter de seu desenvolvimento histórico que a Psicologia sempre esteve entre as ciências cuja tendência tem sido estabelecer relações mais tênues com os estudos

feministas e de gênero. Tendência esta que contribuiu para a adoção de um olhar universalista sobre a vida psicológica, tendo como referência o masculino, fundado em bases ideológicas pretensamente neutras (Abib, 2009).

Grande parte da literatura psicológica, especialmente no Brasil, direciona seu olhar para temas gerais como: Crianças/adolescentes/homens/mulheres, ignorando o fato de que existem diferentes infâncias e adolescências, assim como diversas experiências masculinas e femininas. Esta lógica colabora para que gênero seja uma categoria regularmente ignorada na teoria, pesquisa e prática psicológica (Diniz, 2003). São, portanto, as práticas e o pensar dissociados do campo político e social que têm produzido os saberes da Psicologia como “científicos”, “neutros”, “objetivos” e dessa forma tem mantido perspectivas naturalizantes e universalizantes nesta área.

## PROPOSTA METODOLÓGICA

Trata-se de um estudo analítico com enfoque qualitativo. Pretende-se pesquisar o curso de Psicologia de uma Instituição de Ensino Superior, de caráter público, localizada no interior do Estado do Rio Grande do Sul. O levantamento de dados e análise do currículo formal serão feitos a partir dos planos de ensino das disciplinas obrigatórias e optativas do curso e dos estágios curriculares supervisionados e demais documentos oficiais, através do método de pesquisa documental.

Além disso, propõe-se a realização de entrevistas semi-estruturadas com alunos do primeiro e último anos do curso de psicologia dessa universidade com intuito de verificar os possíveis efeitos da formação nas concepções dos alunos de início e final de curso.

Pensa-se relevante a realização de uma observação participante em disciplinas que possivelmente discutem os temas aqui analisados, pensando os processos grupais e as significações coletivas das turmas de primeiro e último anos.

E finalmente, estabelecer uma discussão a partir da análise dos dados levantados nos procedimentos anteriores juntamente com a proposta das portarias do Ministério da Educação e Cultura sobre as Diretrizes Curriculares e das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia.

O material produzido a partir das técnicas de coleta de dados será submetido a uma análise de conteúdo, a seguir as seguintes etapas: pré-análise, definição de categorias e interpretação. A definição de categorias parte do reconhecendo de possíveis convergências e divergências nos relatos dos sujeitos.

## RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se com esse trabalho compreender como gênero, sexualidade e formação se articulam no contexto específico que se pretende analisar, para que se possa pensar os possíveis efeitos dessas articulações na constituição dos sujeitos e sujeitas Psicólogos/as, uma vez que entende-se que a não consideração da diversidade no contexto educacional produz condições de reprodução de espaços que possibilitam a existência e a continuidade de preconceitos e discriminações, e que a inserção destes debates permite a ampliação de condições para uma prática e um ensino antidiscriminatórios.

Entende-se aqui a necessidade de pensarmos o gênero e a sexualidade no campo dos direitos humanos, evitando discursos que relacionem estas questões a patologias ou enquanto ameaças a “normalidade”, afastando-se de posturas naturalizantes e que ignorem os aspectos sociais, históricos e culturais desses fenômenos. Não existem fundamentos fixos, existem apenas significações em disputa a respeito do que concebemos como verdade, como conhecimento, diante disso, a invenção de outras Psicologias – mais diversas e menos universalizantes –, de novas possíveis significações do social e da educação, são espaços de ação que temos o poder de (re)inventar.

## REFERÊNCIAS

- ABIB, J. A. D. Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientia Studia**, v.7, n. 2, 195-208, 2009.
- DINIZ, G. Gênero e Psicologia: Questões Teóricas e Práticas. **Psicologia Brasil**, 2, 2003.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.
- SILVA, S. V. **Os estudos de gênero no Brasil: algumas considerações**. Universidad de Barcelona. 2000
- SILVA, T. T. Desconstruindo o construtivismo pedagógico. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 3-10, 1993.